



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA  
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Letícia Santos de Souza

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DE ALUNOS  
LEITORES EM COMUNIDADE RURAL**

**ALTAMIRA -PA**

**MARÇO - 2025**

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DE ALUNOS  
LEITORES EM COMUNIDADE RURAL**

Letícia Santos de Souza

Trabalho apresentado à Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, como parte das exigências para obtenção de conceito na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alcione Sousa de Meneses**

**ALTAMIRA –PA**

**MARÇO – 2025**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S237e Santos De Souza, Letícia.  
O Ensino de Língua Portuguesa na Formação de Alunos  
Leitores em Comunidade Rural / Letícia Santos De Souza, . — 2025.  
31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Alcione Sousa de Meneses  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de  
Etnodiversidade, Altamira, 2025.

1. Leitura. 2. Prática Docente. 3. Formação de leitores. . I.  
Título.

CDD 469

---

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela minha vida e por me permitir superar os obstáculos ao longo da minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus pais, em especial minha mãe, por me incentivar a não desistir do curso, pois iniciamos o primeiro semestre online, por causa da pandemia, e durante esse período, eu não me identifiquei com o curso, devido a isso, optei por não cursar o segundo semestre. Porém, minha mãe me incentivou a não desistir e me motivou a continuar. No terceiro período, iniciamos presencialmente as aulas e aos poucos fui me apaixonando e me identificando com o curso.

Agradeço também ao meu esposo e companheiro de todos os momentos, que esteve ao meu lado durante esse percurso, me apoiando nos momentos difíceis e comemorando cada conquista ao meu lado.

Agradeço a todos que contribuíram de forma direta e indireta para o desenvolvimento do meu trabalho.

Aos professores agradeço que, com dedicação, sabedoria e amor pelo que fazem, contribuíram para o meu aprendizado e desenvolvimento pessoal e profissional. Em especial, agradeço a professora Doutora Alcione Meneses, minha orientadora desde o primeiro Estágio Supervisionado, pois foi ela quem percebeu a minha busca pela perfeição e o excesso de críticas e autocríticas que eu fazia a mim e aos trabalhos desenvolvidos, mas não permitiu que eu me prendesse aos meus medos e com paciência e generosidade, me ensinou a valorizar o processo de aprendizagem, me mostrou que errar também é crescer e florescer. Sem ela também, este momento não seria possível. Muito obrigada, professora Alcione, por acreditar em mim!

Por fim, dedico este trabalho ao meu filho, pois a sua chegada em minha vida me deu forças para concluir essa etapa. Não foi fácil produzir o Trabalho de Conclusão de Curso em meio ao resguardo, a maternidade, a adaptação, mas todas as vezes que eu olhava para o meu pequeno, meu coração dizia que eu precisava me dedicar, me abdicar de coisas e me esforçar para concluir esta fase para poder buscar o melhor para o meu filho e dedicar mais tempo a ele!

## Sumário:

1- Introdução.....	6
2- Retratos das habilidades leitoras de estudantes da Educação Básica em um município rural.....	8
2.1- Medicilândia: um município rural (o contexto da pesquisa) .....	9
3- O saber-fazer das professoras de Linguagens na escola Gaspar Vianna.....	11
4- Experimentando outras práticas docentes em Linguagens .....	23
5- Considerações finais.....	26
6- Referências bibliográficas.....	27

## RESUMO

O presente trabalho é resultado das minhas vivências como assistente educacional e estagiária, enquanto estudante do Curso Educação do Campo – Ênfases em Linguagens e Códigos, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Gaspar Vianna, localizada no Município de Medicilândia – PA, às margens da BR 230, onde percebi que alguns alunos estavam no ensino fundamental maior e não eram alfabetizados e outros apresentavam dificuldades em ler. Meu objetivo de pesquisa, a partir desta problemática, foi investigar os fatores que contribuem para as dificuldades em leitura, interpretação de texto, bem como a falta de motivação entre alunos do ensino fundamental maior para o desenvolvimento dessas habilidades, apontando também estratégias pedagógicas para incentivar o desenvolvimento dessas habilidades linguísticas. A pesquisa foi desenvolvida ao longo dos meus Estágios Supervisionados, nos quais realizei entrevistas e observação participante, além de exercício docente que também trago para análise neste Trabalho de Conclusão de Curso, bem como trago relatos coletados durante o desenvolvimento dos Tempos Comunidade do curso Educação do Campo. Os dados empíricos foram lidos a partir da pesquisa bibliográfica na área do ensino de Linguagem e educação do campo. A pesquisa revelou que a forma como o/a docente desenvolve o ensino de leitura impacta diretamente no interesse e desenvolvimento dos discentes, ou seja, aulas baseadas somente no ensino de gramática, sem incentivo à leitura, dificulta a formação de alunos leitores.

**Palavras chaves:** Leitura. Prática Docente. Formação de leitores.

## 1- Introdução

Durante as observações nos Estágios Supervisionados do Curso de licenciatura em Educação do Campo surgiu o meu interesse em analisar como o ensino de Língua Portuguesa contribui (ou não) para a formação de alunos leitores em comunidades rurais. Assim, com este olhar, realizei entrevistas com três alunas, reuni informações dos meus Tempos Comunidades (TCS) a partir dos quais uso mais quatro entrevistas realizadas com alunas e quatro pai, ademais observei as práticas pedagógicas de duas professoras da área de linguagem e pude notar diferenças significativas entre os métodos utilizados: enquanto a gramática era foco da aula de uma docente, sem incentivo à leitura, a outra estimulava os alunos a lerem e desenvolvia um projeto de leitura, e em suas aulas valorizava a oralidade e a produção textual dos educandos. Advindo daí minha questão de estudo:

O ensino de Língua Portuguesa contribui efetivamente para a formação de alunos leitores?

O objetivo geral desta pesquisa foi identificar os fatores que contribuem para as dificuldades em leitura, interpretação de texto, bem como para a falta de motivação entre alunos do ensino fundamental maior para o desenvolvimento dessas habilidades. De forma específica, busquei Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos na leitura e compreensão de textos; analisar o papel do ensino de Língua Portuguesa no desenvolvimento de competências leitoras; apontar estratégias pedagógicas para incentivar o desenvolvimento dessas habilidades linguísticas, a partir da minha imersão da escola campo de pesquisa nos Estágios Supervisionados e a partir de minhas práticas pedagógicas desenvolvidas por meio de Projetos Didáticos (PD), sob orientação dos/as docentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

O trabalho está organizado em quatro sessões: 1- Retratos das habilidades leitoras de estudantes da educação básica em município rural; 1.1- Medicilândia: um município rural (o contexto da pesquisa); 2- O saber-fazer das professoras de Linguagens na escola Gaspar Vianna, no qual analiso a prática docente de duas professoras da área de Linguagem, uma formada em Letra – Inglês e pós graduada em Letras – Português, possuindo 7 anos de atuação da educação básica; a outra formada em Letras - Português , atuando há 18 anos na docência da educação básica. 3- Experimentando outras práticas docentes em linguagens, onde relato e analiso minhas próprias práticas docentes, cujo exercício se deu a partir das observações das práticas docentes das professoras pesquisadas e experimentação de outras

formas de ensinar leitura e escrita, inspiradas nas leituras do curso Educação do Campo e nas boas práticas das docentes observadas; por último faço as considerações finais deste TCC. Ressalto que a minha experiência de aluna de uma das professoras sujeita desta pesquisa na escola Gaspar Viana, também serviu como dado empírico, a partir de minha memória, para as análises aqui registradas.

A partir dos resultados de pesquisa e análises que pudemos realizar, este trabalho reforça que ensinar Língua Portuguesa vai muito além de ensinar regras gramaticais; é necessário integrar a leitura, a escrita e a oralidade no contexto em que o aluno está inserido. Nosso papel como educador é formar leitores críticos, que sejam capazes de refletir sobre o mundo onde vivem mediados pela leitura, além de outras dimensões do ensino escolar.

## **2- Retratos das habilidades leitoras de estudantes da educação básica em município rural**

A habilidade leitora é a capacidade que o leitor desenvolve para compreender, interpretar e refletir sobre o que leu, vai além do simples ato de decodificar palavras, pois, segundo Rangel e Rojo (2010), ler não se resume apenas ao ato de decodificar letras e palavras, trata-se de um processo mais amplo em que o leitor atribui sentidos ao texto, compreendendo-o de forma coerente e sendo capaz de refletir, criticar e aplicar o conteúdo à vida. Sendo assim, ser um bom leitor é mais do que entender o que está escrito, é saber fazer perguntas ao texto, localizar as ideias principais, as informações, inferir sentidos, relacionar com outras leituras e com situações vivenciadas.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular, a leitura é mais do que apenas decodificar palavras, ela é entendida como uma prática de linguagem que envolve a participação ativa do leitor com diferentes tipos de textos, sejam textos escritos, orais ou multissemióticos, incluindo desde leituras com finalidade estética, como a apreciação de obras literárias, até aquelas feitas para pesquisas escolares, compreensão de procedimentos, debates sobre temas sociais ou desenvolvimento de projetos pessoais.

Além disso, o conceito de leitura se amplia para incluir imagens, sons e produções audiovisuais, como vídeos e músicas, especialmente nos gêneros digitais. Nesse sentido, ler é um ato que envolve tanto o uso quanto a reflexão crítica sobre os textos e seus contextos, é uma habilidade que permite diversas capacidades aos leitores, como compreender, interpretar e refletir referente ao assunto lido (Brasil, 2018, p. 73). Portanto ler bem significa conseguir construir sentido a partir do texto, relacionando com o contexto e com a realidade.

Ademais, ser um bom leitor ultrapassa a compreensão de forma superficial de textos, ser um bom leitor envolve posicionamento ativo diante do que se lê, de forma que o leitor mobilize conhecimentos prévios com experiências pessoais e culturais para dialogar com o que está sendo lido, é nesse momento que se constrói o verdadeiro sentido da leitura, pois cada leitura é única, marcada por interpretações e ideias do leitor. Um bom leitor não entende apenas o conteúdo explícito; um bom leitor procura perceber e identificar de maneira minuciosa o que está nas entrelinhas, busca identificar intenções, reconhecer estratégias e principalmente formar um pensamento crítico perante as informações.

Além disso, um bom leitor é aquele que desenvolve a capacidade e o interesse de transitar por diferentes gêneros textuais, adaptando sua maneira de leitura conforme o

objetivo e o tipo de texto, pois é importante considerar que os propósitos da leitura variam conforme a situação e podem se transformar durante o próprio ato de ler.

Como indicam Rangel e Rojo (2010), os leitores estabelecem objetivos diferentes para cada leitura, e esses objetivos se modificam à medida que novos sentidos vão sendo construídos ao longo do texto. Um leitor que, por exemplo, começa a ler apenas para passar o tempo, pode, de repente, mudar sua intenção ao se deparar com um conteúdo que desperta seu interesse ou responde a uma necessidade pessoal.

## 2.1 – Medicilândia: um município rural (o contexto da pesquisa)

O município de Medicilândia foi instituído no ano de 1970 pelo Governo Federal. Antes disso, já existia um pequeno povoado na região que começou a se formar com a chegada de imigrantes vindos de várias partes do Brasil, principalmente do Nordeste. Essas pessoas vieram atraídas pelo Programa de Integração Nacional (PIN), que tinha o objetivo de ocupar a região amazônica e oferecer terras para quem quisesse trabalhar e viver ali.

A cidade Medicilândia é conhecida como a "Capital Nacional do Cacau", pois a sua principal fonte de economia é a produção de cacau e a agropecuária, e recebeu o nome de Medicilândia em homenagem a Emílio Garrastazu Médici, presidente da República na época da instalação do PIN.

Figura 1. Frente da cidade Medicilândia.



Fonte: Google Imagens, disponível em: <https://images.app.goo.gl/3X2LUZaCYrBqUoY18>. Acesso em: 25 de maio 2025.

O Município é constituído somente do distrito sede, sendo assim, Medicilândia é um município do estado do Pará, localizado na Mesorregião do Sudoeste paraense com uma população estimada de 27.094 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022.

As manifestações socioculturais de maiores destaques em Medicilândia são a festa em homenagem à santa padroeira do Município, Nossa Senhora da Conceição, e o CacauFest, um evento para promover e valorizar o cacau que conta com programação técnica, palestras, shows, concursos, seminários e rodeio.

A cidade abriga 37 escolas localizadas na área urbana e rural do município, incluindo a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Gaspar Vianna, foco deste estudo, localizada na comunidade Nova Fronteira – KM 80 Faixa, próximo ao município de Medicilândia-PA, às margens da BR-230. O nome dado à comunidade Nova Fronteira, segundo um pioneiro entrevistado no Primeiro Tempo Comunidade, foi em alusão a um projeto chamado Abrindo Novas Fronteiras que tinha como objetivo criar comunidades em pontos estratégicos para ocupar e integrar a Transamazônica, nesta localidade teve importante povoado o qual mantém-se até hoje já com cerca de quatro gerações.

De acordo com informações obtidas, a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental (EMEIF) Gaspar Vianna foi implantada na Agrovila Nova Fronteira em 14 de abril do ano de 1972, vinculada à 12ª Unidade Regional de Educação, Secretaria de Educação do Estado do Pará. Esta escola tinha antes o nome da Agrovila Nova Fronteira, no entanto, no dia 30 de junho de 1985, em sessão ordinária na reunião de pais e mestres, foi trocado o nome para “Gaspar Vianna” em homenagem ao cientista paraense, mártir da ciência, dentre três nomes, tendo sido escolhido Gaspar Vianna.

A escola atende os estudantes do Ensino Infantil e Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Atendimento Educacional Especializado – AEE, e no período noturno atende as turmas de 1º, 2º e 3º Ano do Ensino Médio (EM), contendo em seu currículo as disciplinas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) responsáveis pela formação geral dos alunos. Vale ressaltar que a escola Gaspar Vianna apenas cede salas para o EM, ou seja, as aulas acontecem no espaço da Gaspar Vianna, porém toda a documentação dos alunos é de responsabilidade da escola Francisca Gomes, localizada na Avenida Marcos Freire, Sn - Centro, Medicilândia – PA,

O Ensino Médio (EM) foi instituído na comunidade devido à necessidade em ter este nível de ensino, uma vez que existe uma considerada demanda de alunos os quais residem

na comunidade e vicinais rurais vizinhas que precisam cursar esta modalidade. Na comunidade, o EM não é ofertado na modalidade regular em que os alunos estudam, várias disciplinas ao mesmo tempo ao longo do ano letivo, na comunidade, o EM é ofertado por meio do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), ou seja, uma modalidade pensada especialmente para escolas do campo onde não há maneira de oferta regular, somente intensiva. Na modalidade SOME os professores trabalham por módulos, o docente permanece por um período contínuo de um mês ou dois meses, de acordo com a carga horária do seu componente curricular, e após concluir a disciplina se desloca para outra comunidade e outro professor chegar à comunidade para lecionar outra disciplina.

As famílias da Agrovila Nova Fronteira possuem realidades socioeconômicas diversas, a renda de algumas famílias provém de benefícios mensais como benefícios de adocimentos ou idade, empregos formais, ou seja, algumas pessoas da comunidade são servidores públicos, faxineira, funcionária do lar, diarista, comerciários em que a pessoa tem a carteira de trabalho assinada por trabalhar em comércio, ou possuem pequenos negócios; além destas atividades laborativas urbanas, trabalham com a lavoura de cacau, agropecuária e, principalmente, o cacau que não deixa de ser a maior renda do município, ou seja, meses antes ou após a safra da fruta, muitas famílias e donos de negócios podem enfrentar dificuldades financeiras devido à falta ou pouca produção da fruta.

Na comunidade Nova Fronteira, a leitura e a escrita ocupam papéis diferentes na vida cotidiana dos moradores, pois a população, em geral, hoje tem acesso à educação escolar, diferente do que foi até por volta do final da década de 1990, mas ao observar a comunidade, enquanto moradora, e ao observar os alunos, enquanto estudante do curso Educação do Campo durante os Estágios Supervisionados do curso Educação do Campo, pude compreender que os alunos e seus familiares enfrentam desafios relacionados ao incentivo à leitura fora do ambiente escolar.

Sendo assim, as práticas de uso da leitura na agrovila são voltadas às necessidades do dia a dia, pois ao observar a comunidade e entrevistar quatro pessoas de famílias diferentes, estas relataram que terminaram o Ensino Médio, mas somente um entrevistado concluiu ensino superior e este lê livros voltados à Psicologia, sua área de formação. Já os outros três entrevistados relataram que as leituras de textos escritos ocorrem principalmente em contextos como avisos referentes ao posto de saúde da comunidade, avisos referentes à escola, referente à igreja, redes sociais e etc. Portanto, observou-se que entre as famílias a leitura de livros literários ou outras formas de leitura para fins estéticos ou de fruição, não é

uma prática frequente, ou seja, a leitura é mais comum entre professores e alunos quando estão no ambiente escolar, ou no uso específico de informações necessárias em determinadas situações.

### **3- O saber-fazer das professoras de Linguagem na escola Gaspar Vianna**

No início do ano de 2022, trabalhei via contrato temporário, como Assistente Educacional no turno matutino em uma turma de 6º ano na escola Gaspar Vianna. A professora que ministrava o componente curricular Língua Portuguesa, era a mesma que eu estagiei no ano seguinte, 2023, durante o primeiro Estágio Supervisionado. Quando comecei a trabalhar como Assistente Educacional, observei atentamente as aulas de Português. Trabalhei como assistente somente por um mês, no mês seguinte recebi outra proposta de trabalho e aceitei. Durante esse curto período na turma de 6º ano, pude constatar que dois alunos não eram alfabetizados e alguns discentes tinham dificuldades em ler, pois quando os professores de outras disciplinas passavam atividades que recorresse a textos grandes, os alunos tinham dificuldade em responder o exercício devido à dificuldade em leitura.

É preciso que toda comunidade escolar planeje e desenvolva atividades específicas de leitura para todos os alunos, de todas as classes, ao longo de todo o ano. Tais atividades precisam fazer parte do planejamento escolar, isto é, precisam ser agendadas com antecedência para cada classe, para que todos se preparem e para que – se for o caso – os livros do acervo possam circular de forma harmoniosa entre diferentes turmas (Lajolo, 2005, p. 20).

Isso quer dizer que ensinar os alunos a ler e trabalhar a leitura em sala de aula não é uma responsabilidade somente do educador de Língua Portuguesa, envolve todos os componentes curriculares, por isso, é importante que todos os professores contribuam nesse processo, a leitura está presente nos livros de Histórias, interpretações dos problemas de Matemática, Geografia e outras disciplinas. Quando todos da equipe escolar se unem para desenvolverem um bom trabalho, a leitura se tornar mais natural e parte do dia a dia dos alunos, todos unidos e com um objetivo é mais fácil formar leitores que leem com gosto e que entendem o que leem, pois, segundo Soares (1998, p. 47):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Logo, é de grande importância que profissionais da Educação compreendam que a alfabetização se refere ao processo de aquisição e apropriação das habilidades de leituras e escrita e letramento refere-se ao uso social das práticas de leitura e escrita, ou seja, que o aluno possa produzir diferentes gêneros em diferentes contextos, seja na escola, no trabalho, na vida cotidiana ou etc.

Mesmo a alfabetização e letramento sendo processos distintos, caminham juntos e são responsabilidades de todos os professores, em todas as etapas da escolarização, pois a alfabetização não se encerra no 1º e nem no 5º ano do ensino fundamental menor; é um processo que exige atenção e importância durante toda a trajetória escolar, pois todo docente também é professor de leitura e escrita. Dessa maneira, se faz necessário uma articulação entre os docentes das disciplinas para promover situações que os alunos possam ler, escrever, argumentar, interpretar e refletir de forma crítica em os componentes curriculares.

Passei a acompanhar os dois alunos não alfabetizados anteriormente mencionados, um de 11 anos e o outro de 12 anos, e antes de eu iniciar o serviço como assistente, a docente de Linguagens já tinha apresentado aos alunos as vogais, o alfabeto, a junção de sílabas simples que formavam pequenas palavras e ensinou os alunos a escreverem o nome. Mesmo a turma apresentando dificuldades na leitura e escrita, durante o mês que fiquei em sala de aula, a professora não trabalhou nenhum tipo de leitura e não estimulava os educandos a lerem, estudavam somente assuntos relacionados à gramática. Ou seja, um contexto e uma prática aproximada a situação apontada por Campos:

O ensino equivocado da gramática e sem privilegiar as atividades que levam ao aprendizado da leitura e da produção escrita de textos, as aulas de Língua Portuguesa não conseguem desenvolver a competência comunicativa dos alunos, que ao final das duas etapas do Ensino Fundamental, no 5º e 9º anos escolares, demonstram pouca intimidade com a língua escrita, mal sabendo ler e escrever textos mais simples, como tem sido comprovado pelo MEC nas provas oficiais que aplica aos alunos das escolas brasileiras (Campos, 2014, p. 16).

Sendo assim, ao analisar a prática docente da educadora já citada, irei me referir a ela como professora A, para preservar sua identidade. Percebe-se uma limitação referente ao ensino aprendizagem da leitura e escrita, ao focar exclusivamente em assuntos gramaticais durante as aulas de Português e não desenvolver atividades de escrita e leitura de forma significativa, como leitura de textos variados, produções textuais. A docente separa elementos que deveriam estar juntos no processo de ensino, ou seja, a gramática é ensinada de forma isolada, sem relação ao uso real da linguagem, quando o ideal seria letrar em meio ao processo de alfabetizar, tendo em vista que o aprendizado significativo neste campo, se dá por meio do uso social da leitura e escrita. Para melhor desenvolvimento dos alunos em sala de aula, a integração da alfabetização e letramento nas aulas é o ideal, para que os alunos aprendam a ler, escrever e compreender para que isso serve no mundo.

No primeiro Estágio Supervisionado em 2023, também constatei que as turmas de 6º anos enfrentavam muitas dificuldades em se concentrar nas atividades de ensino. Os alunos apresentavam grande deficiência na escrita devido alguns ainda não serem alfabetizados, outros conseguiam ler, mas sem fluência, o que dificultava a compreensão dos textos e o desenvolvimento das atividades em sala.

A metodologia da professora ainda continuava a mesma da época em que eu era Assistente Educacional: repetitiva, suas aulas consistiam geralmente em escrever o conteúdo na lousa, esperar os alunos copiarem e depois ler o que estava escrito, sem aprofundar a explicação. Durante o período de observação não a vi trabalhar leitura, nem incentivar os alunos a lerem o que poderia ajudar a melhorar a fluência e a compreensão textual da turma, a produção textual foi trabalhada apenas uma vez durante o período de duas semanas de observação.

Outro aspecto característico de uma prática docente tradicional, era o fato da professora não se socializar, interagir com os alunos. O contato com a turma era limitado e havia pouca interação além das explicações básicas do conteúdo. Apesar disso, durante as observações, uma atividade chamou minha atenção por ser uma abordagem interessante: a professora ditou 30 palavras para os alunos, e na correção utilizou a chamada para escolher um estudante de cada vez para escrever a palavra correta no quadro. Caso houvesse erro, ela perguntava à turma se a palavra estava certa ou errada e corrigia explicando onde o aluno havia errado. Essa metodologia possibilitou que os estudantes participassem da correção tornando o momento mais dinâmico e interativo entre professor/aluno e aluno/aluno.

Paulo Freire (1996, p. 21) defende que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Ao analisar uma atividade de ditado em que a docente propõe a correção coletiva das palavras por meio da participação direta e ativa dos alunos, é perceptível um avanço ao comparar com o modelo de ensino tradicional o qual é centrado apenas na exposição do assunto, tornando o professor detentor de todo o conhecimento e centro do processo de ensino. Essa metodologia abordada pela professora favoreceu a interação com os alunos e possibilitou aos mesmos uma postura mais ativa no processo de ensino e aprendizagem, apesar de todo um processo e uma relação professora-alunos rígida. Talvez a docente estivesse aprendendo na prática, o que a formação inicial não a possibilitou.

Ao entrevistar uma ex-aluna, de 11 anos, que chamarei de Maria, com o objetivo de preservar sua identidade, a qual estudou em 2024 com a professora em questão, a estudante ao ser instigada se a professora de Língua Portuguesa costumava trabalhar a leitura em sala, e como ela fazia isso, relatou:

Não era frequentemente, mas uma vez ou outra ela trabalhava leitura em sala de aula; a professora levava livros infantis para a sala e cada um de nós alunos escolhíamos um livro para ler, ela utilizava a lista de chamada para seguir a ordem alfabética, quem ela falasse o nome, tinha que ler a história em voz alta.

Segundo Maria, a docente incentivava a turma a ler, porém eles escreviam mais assuntos voltados à gramática, do que à leitura e interpretação de texto. Ela disse que recorda de uma interpretação de texto na qual a professora realizou a leitura do texto em voz alta para todos da classe. O título do texto era “covardia” escrito pelo autor Malba Tahan.

Ao analisar o texto “Covardia”, compreende-se que não é o mais ideal para trabalhar com alunos de 6º ano que não sabem ler, ou que apresentam dificuldades na leitura e demonstram pouco interesse em ler, pois o texto contém palavras que podem ser pouco familiar para os alunos, como “gracejar”, e expressões que podem ser ambíguas como “fingiu-se de morto”, “prende a respiração”.

Para trabalhar esse texto com turmas de 6º ano que apresentam limitações na área da linguagem, a professora deveria ter pensado em metodologias para despertar o interesse dos alunos, como o uso do dicionário, incentivando-os a utilizar o dicionário para pesquisar palavras que desconhecem o significado, ou usar imagens que representassem a história, uma breve dramatização do texto em grupo, ou um final alternativo para a história

escrita ou em forma de desenho e incentivando os discentes a apresentarem de forma oral o seu final alternativo para a turma.

Trabalhar a leitura com alunos exige de nós, professores, criatividade, é necessário pensarmos em textos acessíveis para todos e adaptar nossa metodologia para todos compreenderem, participarem e se sentirem motivados a lerem.

Em relação a forma de falar, a professora não costumava corrigir, mas corrigia de caneta vermelha os erros de ortografia nos textos e explicava ao aluno que redigiu o texto a forma incorreta. Maria também relatou:

Eu achava fácil acompanhar as aulas da professora por causa da sua boa explicação, se alguém tivesse alguma dúvida era só ir até a mesa dela e pedir ajuda, aprendi muito porque a professora explicava os assuntos de forma simples, clara, pois ela passava os assuntos bem abreviados.

Mesmo a atividade do ditado mostrando que é possível tornar as aulas mais participativas, pois aproximam o docente dos estudantes e criam um ambiente estimulante de ensino, a prática docente da professora em questão, ainda se baseia no modelo tradicional de ensino, apresentando poucas estratégias e atividades quase sempre centradas em si e no conteúdo escolar. Nota-se também a pouca valorização da leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, o que prejudica o desenvolvimento dos alunos do 6º ano que estão em processo de adaptação, pois antes estavam no Ensino Fundamental menor, e agora estão no 6º ano, onde para cada Componente Curricular possui um professor. Ademais, os assuntos ministrados durante as aulas de Português não possuem ligação com os problemas da vida real dos alunos e da sociedade, desta forma, na linha do que aponta Libâneo (2013): “o aluno é assim, um receptor da matéria e sua tarefa é decorá-la.

Os objetivos explícitos e as finalidades implícitas do ensino se fundamentam e projetam um aluno ideal, desvinculado da sua realidade concreta que não condiz com o suposto ideal de estudante em geral urbano, imerso em ambientes letrados e convivendo com pessoas e grupos que produzem e consomem escrita como parte do cotidiano. Ou seja, a metodologia da professora acaba distanciando os assuntos do dia a dia dos discentes no qual se assiste a poucos eventos de uso ou produção da leitura e da escrita, sobretudo a acadêmica, além disso, as interações extraescolares dos estudantes são com adultos ou outros jovens provenientes de extratos sociais com pouca ou nenhuma escolarização há muitas gerações.

Mas a atividade do ditado mostrou que é possível tornar as aulas mais participativas, pois aproximam o docente dos estudantes e criar um ambiente estimulante de ensino.

Durante os Tempos Comunidade entrevistei e observei em sala de aula minha ex-professora que trabalha na escola Gaspar Vianna na área de Língua Portuguesa, a qual identificarei como professora B, para preservar sua identidade. A docente é concursada desde 2007, ao ser entrevistada durante minhas atividades do Tempo Comunidade (TC) III, relatou que escolheu essa profissão pela falta de oportunidades na região em que mora, pois Medicilândia é conhecida como a Capital Nacional do Cacau, mas não possui muitas oportunidades de estudos para seus moradores, sendo assim, muitos indivíduos deixam a cidade para estudar em municípios vizinhos como Altamira e Santarém.

No ano de 2016, quando eu, então estudante, iniciei o nono ano, último ano do Ensino Fundamental, a docente entrevistada foi minha professora, lembro-me que era bastante rígida em relação aos conteúdos trabalhados em sala de aula: cobrava caligrafia, observava com muita atenção nossos erros de escrita, corrigia nossa forma de falar e sempre nos motivava a ler bastante. Hoje consigo interpretar o motivo para esta postura professoral, pois, de acordo com Scliar (2010, p.3), “[l]er é importante. É uma fonte de prazer, emoções e conhecimento. É uma coisa que tem que ser incorporada. Não somos leitores, aprendemos a ser”.

Naquela época, a professora já trabalhava um projeto de leitura que funcionava da seguinte forma: tínhamos aula de Língua Portuguesa duas vezes na semana, e toda aula, antes de iniciar o assunto era reservado um momento para a leitura, a mesma dividia a turma por ordem alfabética, em uma aula metade dos alunos liam suas leituras e na outra aula o restante lia. Essa atividade de leitura também era extraclasse, pois em casa podíamos escolher o que ler, podia ser um pequeno livro, receita culinária, um poema, um versículo bíblico. Após a leitura era necessário escrever o que se leu no caderno, já que durante um dia da semana, íamos à frente da turma realizar a leitura em voz alta do que lemos em casa. Ao final de cada bimestre, o aluno que tivesse participado da leitura continuamente ganhava 0,5 décimos.

Lembro também que apresentávamos um seminário por bimestre e durante as apresentações não era permitido levarmos papel para ler na frente da sala, precisávamos dominar o conteúdo para apresentar. Hoje, como estudante de Educação do Campo, compreendo que incentivar os alunos a apresentar seminários sem uso de papel e uma prática que contribui positivamente no desenvolvimento de habilidades na área de linguagens, em

especial ao uso da expressão oral em situações formais, e essa atividade avaliativa da docente B coincide com o eixo da oralidade da Base Nacional Comum Curricular:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de *game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. O tratamento das práticas orais compreende (Brasil, 2018, p. 79).

Bem como, oralidade está ligada ao uso da linguagem em contextos reais, ou seja, o educando precisa se expressar de forma clara e objetiva, argumentar, saber ouvir o outro e participar de debates. Logo, ao trabalhar essas práticas na escola o docente prepara o aluno para se comunicar de forma clara, objetiva e com confiança em diferentes contextos da vida, dessa forma o eixo da oralidade contribui para a formação de discentes críticos, participativos e conscientes do seu papel na sociedade.

A experiência de ser aluna da professora B, deixou em mim marcas tanto positivas, quanto negativas. De forma positiva, aprendi a apreciar os livros e a ler com mais frequência, mesmo com dificuldades na escrita até nos dias atuais, passei a me atentar à forma de escrever e na forma de falar. A cobrança constantemente da caligrafia e a correção de erros me fez compreender a importância de nos atentarmos e esforçarmos para escrever com clareza, porém as apresentações orais me deixaram insegura, sempre tive dificuldade em falar, tropeços nas palavras, e quando estou nervosa pronuncio as palavras de forma inadequada e não consigo expor as informações com clareza, e embora ela cobrasse melhoria das minhas limitações com frequência, muitas vezes fazia isso de um jeito que me deixava constrangida, me fazendo sentir humilhada na frente da turma, o que me causou o medo de errar e afetou minha confiança durante apresentações orais. Ou, talvez, parte desse meu constrangimento venha do não costume familiar ou comunitário de valorizar a fala de crianças e adolescentes quase sempre negligenciados em situações de conversação pública, coletiva ou em suas percepções sobre o mundo. A professora estava nos desafiando e sair dessa forma de interação social e a fazer uso da fala pública.

A docente ainda trabalha muito a leitura em sala de aula e a leitura extraclasse, durante a entrevista do TC III que tinha como objetivo descortinar a educação realizada e

suas situações didáticas na área de linguagem na escola básica da Educação do Campo e suas diretrizes legais, a docente relatou que “acredita que leitura abre portas”, desta forma, atualmente a mesma continua desenvolvendo um projeto de leitura, mas diferentemente do projeto utilizado na época em que era minha professora, em seu novo projeto de leitura, os alunos vão à biblioteca escolher um livro, depois da escolha feita pelos discentes, é estipulado alguns dias para os jovens realizarem a leitura do livro escolhido, na data marcada em que se finaliza a leitura realizada em casa pelos estudantes, os alunos vão à frente da classe para apresentar o seu livro, cada aluno precisa se apresentar, falar o autor e o nome do livro e contar aos colegas o assunto, um pouco da história que leu. Ao final da atividade, a docente conversa com a turma, elogia os alunos e fala o que podem aperfeiçoar e continua a estimular todos a lerem diariamente.

Como já dito, no início do ano de 2023 trabalhei como Assistente Educacional nas turmas de 9º ano, no turno manhã e tarde e pude acompanhar durante um curto período o desenvolvimento do projeto de leitura aplicado às turmas que a educadora B trabalha. Recordo-me que nem todos os alunos demonstravam interesse em participar da leitura, e alguns discentes não se empenhavam em ler e apresentar o seu livro, mas a grande maioria dos alunos iam à biblioteca da escola escolher um livro para ler e apresentar a história para a turma. Essa atividade de leitura é avaliativa, vale 3,0 pontos, portanto alguns alunos escolhiam livros pequenos e infantis para lerem e apresentarem para não ficarem sem nota. No dia da apresentação, alguns alunos não haviam lido o texto por completo e apenas decoravam o resumo presente na capa de traz do livro, mas a professora percebia que a leitura não tinha sido realizada e o aluno apenas estava falando algo decorado.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a leitura tem sido vista na escola principalmente como um objeto de ensino, no entanto, para que ela realmente funcione como um processo de ensino-aprendizagem, é essencial que faça sentido ao aluno. Isso significa que a leitura deve estar ligada à realidade dos estudantes, aos seus interesses e experiências, para que se torne significativa.

Quando o aluno entende a importância da leitura em sua vida, ele se envolve mais e aprende com mais facilidade. Lembro-me de uma aluna que era muito empenhada nessa atividade, ela sempre se destacava nas apresentações, no primeiro bimestre, quando eu ainda era Assistente Educacional, chegou o dia em que os alunos apresentariam as histórias, essa aluna citada escolheu um livro que não era somente de uma história, mas possuía várias

histórias diferentes. Ela contou cada história do livro de forma detalhada, descrevendo os personagens e os acontecimentos, sua apresentação durou mais de uma hora, os seus colegas de turma reclamaram muito, acharam a apresentação demorada, quando pensavam que ela iria encerrar a apresentação, ela iniciava a contação de outra história. Percebi o quanto a leitura tinha significado para ela, sua dedicação serviu de exemplo para os outros alunos. Em outra aula, a professora levou uma caixa de chocolate para essa aluna e a parabenizou pelo seu esforço, compromisso e dedicação com a leitura.

Recentemente, ao entrevistar uma aluna da turma do 9º ano A, e instigá-la sobre o projeto de leitura, ela relatou gostar de ler, mas não gosta do projeto de leitura, ao perguntar o porquê, a educanda disse que a biblioteca possui poucos livros, e os livros disponíveis não despertam seu interesse e como a professora já trabalha esse projeto há alguns anos, os alunos acabam relendo livros ou lendo e apresentando livros que já foram lidos e apresentados por outros colegas em outro momento.

Figura 2. Cantinho da leitura com variados livros.



Fonte: Letícia Santos

Conforme Borges (2013), é essencial que o professor selecione materiais que tenham significado para o aluno, pois isso contribui diretamente para o desenvolvimento do interesse pela leitura de textos que vão além de sua vivência cotidiana. Dessa maneira, o hábito de ler

deve ocorrer em um ambiente agradável para o leitor, com variados gêneros para folhear de forma que ofereça ao educando uma experiência mais prazerosa com a leitura. Corroborando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) expõem que:

[...] a prática da leitura deve ser sempre um meio e não um fim. Para isso, a participação da biblioteca é fundamental, devendo possuir um ambiente confortável e agradável, com acervo variado, de o professor possa indicar livros, mas em que também os alunos possam escolhê-los por conta própria, e até mesmo levá-los para casa (BRASIL, 2000).

Figura 3. Cantinho da leitura com variados livros.



Fonte: Leticia Santos

Como desenvolver boas práticas e hábitos de leitura sem a infraestrutura escolar adequada? A estrutura da biblioteca da escola Gaspar Vianna é de madeira, para ter ventilação é necessário deixar a porta e as janelas abertas, há uma grande movimentação de alunos que passam em frente à biblioteca para irem ao banheiro e acabam fazendo barulho, dificultando a concentração de quem está na biblioteca para ler ou escolher um livro, além disso, a falta de um acervo variado limita o acesso dos educandos a diferentes gêneros e autores, mesmo a docente incentivando a ida dos alunos à biblioteca, relatando a importância da leitura no processo de ensino aprendizagem, se a escola pudesse investir em um espaço

mais apropriado, aconchegante, silencioso e com uma variedade maior de livros, como orientam os PCNS, os alunos poderiam se sentir mais motivados a frequentar o local com prazer e curiosidade.

Também entrevistei mais duas alunas que estão no 9º ano. Ambas moram na Comunidade Nova Esperança, localizada no KM 80 Norte (26), e estudam na Escola Gaspar Vianna. As educandas, ao serem instigadas, se mostraram bastante participativas e dispostas a falar sobre suas experiências com a leitura e a escrita.

A primeira aluna disse que tem 14 anos e tem acesso a livros, internet e à biblioteca da escola. Ela contou que não gosta muito de escrever, mas quando está em casa adora ler livros de aventura e terror, porque ama imaginar o que pode acontecer nas histórias. Disse que entende bem o que lê, prestando atenção aos detalhes, identifica facilmente a ideia principal dos textos. Ela contou que se comunica com amigos e familiares mais por mensagens via whatsapp, mesmo assim consegue se expressar oralmente muito bem. Também disse que costuma escrever mensagens e produzir textos com poucos erros de ortografia, devido ser detalhista. Segundo ela, não sente vergonha e não tem dificuldades para se expressar e a parte que ela mais gosta nas aulas são as atividades, pois percebe o quanto aprende rápido. Quando perguntada sobre algo que gostaria que fosse diferente nas aulas de Língua Portuguesa, respondeu que nada precisa ser mudado.

Já a segunda aluna também tem 14 anos e também tem acesso a livros, internet e biblioteca. Ela afirmou que gosta de escrever textos e cartas, mesmo não lendo com tanta frequência, a não ser na escola ou quando está participando do projeto de Leitura desenvolvido pela professora B. Contou que entende bem o que lê e que sente vontade de escrever cartas toda semana, mesmo sem ter destinatário. Disse que às vezes tem dificuldades, principalmente com ortografia e que nem sempre se sente à vontade para falar sobre o que entende nas aulas, mas gosta de participar ativamente. No entanto, afirmou que se dá muito bem apresentando seminários e outros trabalhos, sem sentir vergonha e gosta especialmente de elaborar e apresentar esses trabalhos, segundo ela, não há nada que precise ser melhorado nas aulas de Português.

Por conseguinte, ao serem instigadas também sobre o projeto de leitura da professora, relataram: “Sim, gostamos muito desse trabalho de leitura, até porque ajuda muito no nosso desenvolvimento da explicação”. A segunda aluna relatou “Achamos diferente e legal.” O relato das alunas revela que a iniciativa da professora tem sido positiva e de certa forma

contribui para que as alunas se desenvolvam melhor a oralidade, compreensão e expressão das ideias.

Por fim, as respostas das alunas mostram que as duas possuem interesse pela leitura e escrita, mesmo apresentando algumas diferenças entre elas, pois a primeira gosta mais de ler e é mais segura com a ortografia e expressão da sua oralidade, já a segunda gosta de escrever, mas reconhece que tem dificuldades com ortografia e um pouco de insegurança ao se expressar durante as apresentações em sala. Ambas demonstram envolvimento e comprometimento com as atividades escolares, especialmente com o projeto de leitura que consideram importante e diferente.

Embora seja interessante o projeto de leitura desenvolvido pela docente B, o mesmo ainda segue uma abordagem tradicional, tratando a leitura como um método avaliativo bimestral para os alunos, portanto, a educadora ao notar as limitações do seu projeto, deveria repensá-lo não voltado à avaliação como fim último e primeiro; mas adotar estratégias mais envolventes para promover a leitura de forma significativa. Segundo Krug (2015, p. 2)

O mediador responsável pela aquisição da prática de leitura – o professor – deverá elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva do ler, pois somente quem se relaciona com livros, de maneira preciosa, será detentor do poderio de gerar novos bons leitores.

Ademais, com o objetivo de despertar o hábito de leitura e formar leitores críticos, é importante que o educador crie situações em sala de aula que tornem a leitura uma experiência acolhedora e prazerosa, que inclua atividades como rodas de leitura, discussões referente a temas de interesse dos alunos, projetos em parcerias com outras áreas de conhecimento e se atentar a escolher obras que dialoguem com a realidade do educando, seguindo estratégias, a leitura deixará de ser uma obrigação para adquirir nota, se tornará uma ferramenta de reflexão, expressão e desenvolvimento intelectual.

Em suas aulas, é comum a docente propor a produção de diferentes tipos de produção textual aos seus alunos, incentivando-os a organizarem suas ideias de forma clara e coerente ao produzirem um texto, devido às dificuldades que alguns estudantes apresentam na escrita, ela oferece apoio constante explicando a estrutura dos textos, sugerindo melhorias e auxiliando na revisão. Além disso a professora valoriza muito a oralidade e frequentemente utiliza debates, leituras em voz alta e apresentações para incentivar os estudantes a se expressarem. Mesmo com os desafios enfrentados em sala de aula, a docente se mostra

comprometida em criar um ambiente de aprendizado onde a leitura, a escrita e a oralidade sejam trabalhadas de forma integrada em suas aulas.

No Terceiro Tempo Comunidade, ao entrevistar duas alunas que na época cursavam o 8º ano A, e ao entrevistar duas alunas que cursavam o 9º ano, última série do Fundamental maior, as quais eram alunas da professora B, relataram que a mesma é bem focada em seu trabalho dentro e fora da sala de aula. Segundo as estudantes durante as aulas de Língua Portuguesa a educadora foca em trabalhar leitura, interpretação de texto e o desenvolvimento do aluno a cada conteúdo.

As discentes entrevistadas afirmaram que não apresentavam dificuldades nos assuntos, pois a explicação da professora é clara e de fácil entendimento. Segundo elas, quando um aluno apresenta dúvidas, são todas esclarecidas em sala de aula pela docente. Uma entrevistada da turma de 9ºano que na época tinha 15 anos, relatou: “Dentre os conteúdos de Língua Portuguesa, o que mais gosto é a Variação Linguística, gosto de aprender novas formas de pronunciar palavras”. Já a outra colega que na época também tinha 15 anos, relatou gostar de todos os conteúdos e não sentia dificuldades em compreender nenhum conteúdo lecionado nas aulas de Português.

As alunas da turma do 8º ano relataram gostar de verbos e substantivos e que amam quando a professora desenvolve esse assunto na sala com todos. Segundo as estudantes, a metodologia utilizada durante as aulas é ótima e elas não mudariam nada, pois conseguem aprender todos os conteúdos de forma clara e objetiva. Ainda durante a entrevista as alunas do 8º ano relataram que a professora trabalha como tema das produções textuais a comunidade em que o discente reside, a vida na roça, o dia mundial do cacau em que os alunos produziram um texto com esse tema que fala sobre a produção e o sustento das famílias por meio da produção de cacau.

A professora de Língua Portuguesa costuma criar atividades de uso da linguagem que perpassa o contexto socioproductivo das famílias, por exemplo quando esta passou uma produção textual referente à vida dos estudantes na roça, em que os alunos desenvolveram um texto contando sua vida e expressando algumas situações do seu cotidiano em forma de desenho. Depois de terminada a atividade, cada aluno foi à frente da classe para contar um pouco do seu cotidiano.

Esta atividade partiu da realidade dos alunos e teve o objetivo de valorizar suas vivências na roça e suas histórias de vida, o que mostrar ser uma atividade significativa, já que permitiu os alunos escreverem sobre seu cotidiano e pudessem representar não só por

meio da escrita, mas por meio dos desenhos também, de forma que a expressão pessoal e o uso da linguagem fossem estimulados de forma contextualizada durante a aula de Português.

As alunas da turma de 8º ano ao serem instigadas sobre como a Literatura é abordada pela professora em sala de aula, relataram que não estudam tantos conteúdos literários, a não ser poemas, mas quando a professora passa uma produção textual elas sabem que vai ajudar a melhorar a sua escrita, a sua dicção em que há entendimento de outras pessoas.

A motivação para o estudo que a professora faz, é ratificada pelos pais das alunas entrevistadas como uma necessidade. As famílias relatam que gostariam que trabalhassem com as turmas algo sobre como é difícil uma vida sem estudar, dessa forma, aumentaria a motivação dos educandos e os discentes saberiam que é difícil uma vida sem ter uma profissão e sem está formado.

#### **4- Experimentando outras práticas docentes em Linguagem**

A escola como instituição de ensino possui um papel fundamental na ampliação das práticas de leitura, porém muitos estudantes apresentam dificuldades na interpretação e compreensão de textos, evidenciando a necessidade de estratégias pedagógicas que tornem a leitura mais significativa e atrativa para os educandos. No ano de 2024, ao realizar o Estágio Supervisionado II na Escola Gaspar Vianna, na comunidade Nova Fronteira com turmas do 8º e 9º ano, no Componente Curricular Língua Portuguesa, planejei e executei, enquanto estagiária, o Projeto Didático (PD) intitulado "Tesouros Literários: explorando a literatura e a memória histórica da comunidade Nova Fronteira". O objetivo do PD era trabalhar a literatura e a memória histórica da comunidade, integrando essas temáticas às aulas de Língua Portuguesa para enriquecer o aprendizado dos alunos. A faixa etária dos estudantes variavam entre 13 e 16 anos, e boa parte dos estudantes residiam na agrovila Nova Fronteira e a minoria nas comunidades vizinhas: Tiradentes e Comunidade do 26.

Durante a regência, constatei que além de muitos alunos enfrentarem dificuldades na leitura, o hábito da leitura para grande parte dos estudantes era um processo lento com pouca fluência, alguns alunos tinham dificuldades em reconhecer palavras mais complexas, o que comprometia a compreensão de textos, além disso tinham dificuldades na entonação e nas pausas. Na escrita os erros também eram evidentes, erros de ortografias, de pontuação e possuíam dificuldades em estruturar frases.

Outro ponto preocupante era a interpretação de texto, muitos alunos tinham dificuldades em compreender a ideia principal do texto e apresentavam também dispersão durante as aulas, dificuldades associadas a deficiências trazidas desde o ensino fundamental menor.

A primeira atividade do Projeto Didático foi voltada à Literatura Paraense, nosso objetivo principal era incentivar a leitura literária entre os alunos, utilizando livros paraenses, regionais e causos. A intenção era que os estudantes conhecessem e compreendessem seu pertencimento sociocultural, promovendo o interesse e o hábito da leitura. Trabalhamos esse tema com as turmas do 8º e 9º, com a turma do 8º ano A, os alunos demonstraram interesse pela leitura e por conhecer histórias da nossa região Transamazônica. Eles realizaram a leitura de obras, apresentamos a biografia de autores paraenses e, como resultado dessa aula, os alunos produziram desenhos referentes às histórias que leram para apresentar à turma. Já com o 9º ano A, uma turma com poucos alunos, o cenário foi diferente.

Figura 4. Desenhos produzidos por alunos do 8º ano A.



Fonte: Letícia Santos de Souza. 2024.

Ao iniciarmos os alunos já relataram o desprazer pela leitura dizendo que não achavam ler algo interessante e que não tinham interesse. Como o estágio foi realizado com duas colegas de turma, comentamos sobre a importância da leitura e os benefícios que traz para nossas vidas, além de dar dicas para despertar o gosto pela leitura, mas mesmo assim, não demonstraram interesse. Alguns alunos leram, outros não, passaram a aula conversando com os colegas e nós os incentivando a ler.

Figura 5. Alunos do 9º A durante a Leitura de livros literários.



Fonte: Letícia Santos

Como resultado dessa aula, poucos alunos fizeram o desenho e apresentaram a história. Os motivos dos alunos não apresentarem interesse pela leitura são variados. Um dos principais é que eles estão muito acostumados com a tecnologia, especialmente com os jogos nos celulares que oferecem diversão de forma rápida e fácil, ler por outro lado exige mais esforço e concentração da parte deles, o que pode parecer menos atraente para um adolescente.

A falta de hábito de leitura tem um impacto negativo na visão de mundo dos alunos. Sem ler, eles têm uma visão mais limitada, focando apenas no que está a sua frente. Eles não buscam informações ou conhecimentos sobre o mundo, o que limita suas perspectivas e seu crescimento pessoal e estudantil, dificultando o desenvolvimento de habilidades importantes como o pensamento crítico, criatividade e resolução de problemas.

Segundo Freire (1996, p. 5), “a maneira como o mundo é visto modifica-se quando se adquire o hábito da leitura, pois a leitura verdadeira é a que relê a realidade, quer dizer, é aquela que apresenta uma visão crítica a respeito do mundo”. Portanto, a falta de interesse pela leitura impede que eles conheçam outras culturas, histórias e perspectivas, fazendo com que permaneçam presos a uma visão de mundo muito restrita, limitando seu entendimento sobre diferentes contextos e situações do mundo. Além disso, a falta de leitura afeta a capacidade de se expressar claramente. Eles têm dificuldades para escrever de forma clara e adequada, e suas produções são menos criativas. Sem a leitura, eles não têm modelos ricos

de linguagem e imaginação para seguir, o que limita suas habilidades de comunicação e expressão.

Meu processo de ressignificação da prática docente em Linguagem também foi gradativo, às reflexões que as práticas docentes das professoras observadas iam acontecendo, bem como e *pari passu* ao meu amadurecimento em retraduzir as leituras pedagógicas no curso Educação do Campo em estratégias de ensino condizentes com as necessidades das turmas e contextos onde estava inserida como docente.

O primeiro Estágio Supervisionado foi um processo desafiador, mas transformador ao mesmo tempo, pois estagiei somente com turmas de 6º ano e demorei a compreender o real papel do P.D. e tive dificuldades em relacioná-lo com os conteúdos e cotidiano dos alunos, por isso, trabalhei em sala apenas conteúdos indicados pela professora de Linguagens, para dar continuidade ao seu planejamento, devido a minha inexperiência em sala de aula, mesmo identificando que os alunos tinham dificuldades em ler, não prestavam atenção nas aulas e não participavam ativamente no processo de ensino aprendizagem, não consegui propor estratégias de ensino baseadas nas observações feitas.

No segundo estágio, entendi o papel do P.D. e com a experiência do estágio anterior, apesar dos desafios como o pouco tempo para discutir as observações em sala de aula, com minhas colegas de turma e estágios, conseguimos desenvolver um bom trabalho com os recursos que tínhamos disponíveis.

Já no último estágio, ainda mais com experiência, eu e a minha colega de estágio, conseguimos observar a turma com um olhar atento e pensar em estratégias e textos que pudessem despertar o interesse das turmas. O P.D. que no início focava no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), passou a abordar temas importantes como preconceito, racismo e bullying, devido essas questões impactarem a vida dos alunos e compreendemos a importância de tratá-las em sala de aula de forma aberta e reflexiva. Assim, percebi o quanto o P.D. e o estágio contribuíram para o meu crescimento como futura professora e também para o desenvolvimento dos alunos. Senti satisfação em ver os alunos se interessando pelas aulas, participando oralmente e se reconhecendo nos textos trabalhados. Os momentos em sala de aula me mostraram que ensinar vai muito além de passar conteúdos: é criar um ambiente de escuta, respeito e aprendizagem.

## 5 – Considerações finais

De modo geral, percebi que a falta de incentivo à leitura e a abordagem superficial dos conteúdos escolares dificultam ainda mais o desenvolvimento da escrita e da interpretação dos alunos. As estratégias diversificadas e atividades voltadas para a leitura e a oralidade poderiam contribuir significativamente para o aprendizado da turma. As professoras possuem metodologias totalmente diferentes. A professora B demonstra um maior domínio de classe e estrutura suas aulas com foco na leitura, oralidade e produção textual, buscando envolver os alunos de maneira ativa no processo de ensino aprendizagem. Já a professora A, enfrenta dificuldades em manter a atenção da turma e carece de estratégias que tornem suas aulas mais dinâmicas e atrativas, a ausência de atividades voltadas para a leitura e a escrita contribuem significativamente para a falta de engajamento dos alunos, o que torna o aprendizado mais desafiador.

As experiências em sala de aula na Escola Gaspar Viana como aluna, Assistente Educacional e estagiária, me fizeram pensar e refletir sobre a minha prática docente. Compreendi que uma aula interativa e com atividades relacionadas ao cotidiano dos alunos fazem toda a diferença no processo de aprendizagem.

Agradeço as professoras com quem estagiei, pois me ensinaram muito e contribuíram para o meu desenvolvimento profissional! A professora A me mostrou que mesmo com suas dificuldades, é necessário buscar sempre melhorar nossa prática em sala de aula.

O professor comprometido com o ensino de seus alunos está em constante transformação e buscando constantemente por novas formas de aprender porque sabe da importância da sua aula e quer aproveitá-la da melhor forma possível, pois nela se criam e se desenvolvem as condições necessárias para os alunos assimilarem seus conhecimentos, habilidades e atitudes desenvolvendo todas as suas áreas cognitivas (Oliveira, Silva e Silva, 2021, p. 24).

O ensino não é algo fixo, o ensino precisa se adaptar às necessidades dos alunos, o professor que ao refletir sobre sua prática docente, consegue entender sua importância e que suas aulas transformam vidas e sonhos, procurar tornar o momento em sala de aula mais proveitoso e significativo para ambos.

A professora B me inspirou a conduzir as aulas com mais diálogo, leitura e envolvimento ativo dos alunos. Com ela compreendi que é possível transformar a sala de aula em um espaço mais participativo e significativo.

## 6-Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

MEC. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, v. 2. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

---

CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades/** Goiânia: Cãnone Editorial, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

---

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística . **Medicilândia (PA)**. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/medicilandia.html>. Acesso em 04 de março de 2025.

KRUG, Flávia Susana. **A Importância da Leitura na Formação do Leitor**. Rei Revista de Educação do Ideau. Dezembro 2015. vol.10- Nº22. 14 f. Instituto do Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai- IDEAU.URUGUAI, 2015

LAJOLO, Maria. **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?** Campinas: CEFIEL/IEL/UNICAMP,2005. (Coleção Linguagem e Letramento em Foco).

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2013.

MEC. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, v. 2. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

---

RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19.

SCLIAR, Moacyr. *Para descobrir o prazer da leitura*. Folha de Londrina, Londrina, 08 fev. 2010. Folha Opinião, p. 3.

---

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Letícia Santos de. **Relatório do Primeiro Tempo Comunidade: pesquisa-diagnóstico da comunidade**. Altamira – PA: Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade, 2022. Trabalho apresentado como exigência parcial para a disciplina

Seminário Tempo Universidade I, do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Orientadora: Irlanda.

SOUZA, Letícia Santos de. **Relatório de atividades do Segundo Tempo Comunidade:** pesquisa diagnóstica na Escola Gaspar Vianna. Altamira-PA: Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade, abril de 2023. Relatório apresentado à disciplina Seminário Tempo Universidade 2 do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Orientadora: Dimitria Leão.

SOUZA, Letícia Santos de. **Relatório do Terceiro Tempo Comunidade.** Altamira-PA: Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade, 2023. Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Seminário Tempo Universidade 3 do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Orientadora: Irlanda.

SOUZA, Letícia Santos de. Cultivando sonhos: a Língua Portuguesa vai ao campo – Estágio I realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Gaspar Vianna. Altamira-PA: Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade, 2023.

SOUZA, Letícia Santos de. Ensino colaborativo: superando desafios e celebrando conquistas. Relato de experiência apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, sob orientação da professora Alcione Menezes. Medicilândia-PA, 2024.

SOUZA, Letícia Santos de. Do medo ao crescimento: minha jornada no estágio de Ensino Médio. Relato de experiências apresentado à coordenação do Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Pará – Campus de Altamira, referente ao III Estágio Supervisionado de Tempo Comunidade VII, sob orientação da professora Alcione Menezes. Medicilândia-PA, 2024.



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Pará  
Sistema de Bibliotecas

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA**

Autor(a): Letícia Santos de Souza

Afiliação do(a) autor(a): Secretaria Municipal de Educação  
Instituição de vínculo empregatício do(a) autor(a)

CPF: 018.066.942-71 Matrícula: 20206294003 Telefone: (9 3 ) 9 9 1 7 4 -3406

E-mail: leticiapumb123@gmail.com

Curso/Programa: Educação do Campo – Licenciatura em Linguagens e Códigos

Orientador(a): Alcione Sousa de Meneses

Coorientador(a): \_\_\_\_\_

Título/Subtítulo: O Ensino de Língua Portuguesa na Formação de Alunos Leitores em Comunidade Rural

Data da Defesa: 05/05/2025

**Tipo do documento:** (  ) TCC<sup>1</sup> (  ) TCCE<sup>2</sup> (  ) Dissertação (  ) Tese (  ) Artigo Científico (  ) Livro

(  ) Capítulo de livro (  ) Trabalho Apresentado em evento (  ) Outro: \_\_\_\_\_

Declaro que, para os devidos fins, o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente:  
Dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940;  
Da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais;  
Do Regimento Interno da Universidade Federal do Pará;  
Da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação;  
Da utilização da licença pública internacional *Creative Commons 4.0*;  
Que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão da mesma como trabalho próprio ou na inclusão, em trabalho próprio, de idéias, textos, tabelas ou ilustrações transcritos de obras de terceiros sem a devida e correta citação referencial.

ALTAMIRA- PA

10/07/2025

LETICIA SANTOS DE SOUZA

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação

<sup>2</sup> Trabalho de Conclusão de Especialização



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NO PORTAL INSTITUCIONAL DE ACESSO ABERTO DA UFPA**

1. **Tipo de documento:** (X) TCC<sup>3</sup> ( ) TCCE<sup>4</sup> ( ) Dissertação ( ) Tese ( ) Artigo Científico ( ) Livro  
( ) Capítulo de Livro ( ) Trabalho Apresentado em evento ( ) Outro: \_\_\_\_\_

**2. Informações sobre a obra:**

Autor(a): Letícia Santos de Souza

RG: 851098 CPF: 018.066.942-71 E-mail: leticiapumb123@gmail.com Telefone: ( 93 ) 99174-3406

Programa: Educação do Campo- Licenciatura em Linguagens e Codigos

Orientador(a): Alcione souza de menses

Coorientador(a): \_\_\_\_\_

Título do documento: O Ensino de Língua Portuguesa na Formação de Alunos Leitores em Comunidade Rural

Data da defesa: 05 / 05 / 2025

Área do Conhecimento (tabela do CNPq): Ciências Humanas – Educação

Área de Concentração (Se Tese ou Dissertação): \_\_\_\_\_

Linha de Pesquisa (Se Tese ou Dissertação): \_\_\_\_\_

Agência de Fomento (se houver): \_\_\_\_\_

**3. Informação de disponibilização do documento:**

Restrição para publicação: ( ) Com restrição\* (x) Sem restrição

Justificativa com restrição: \_\_\_\_\_

A partir de qual data esse documento poderá ser disponibilizado: 21 / 07 /2025

**4. Permissões<sup>5</sup>**

Permite o uso comercial da obra? ( ) Sim (x) Não

Permite modificações na obra? ( ) Sim (x) Não

O documento está sujeito a patentes? ( ) Sim (x) Não

**5. T&D defendidas fora da instituição**

É Tese ou Dissertação defendida fora da UFPA? ( ) Sim ( x ) Não

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9.610/98, autorizo a Universidade Federal do Pará (UFPA), a disponibilizar sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinaladas acima, o documento em meio eletrônico, em formato digital, na Rede Mundial de Computadores e nas redes sociais, para fins de leitura, impressão ou download, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPA, a partir desta data.

\_\_\_\_\_  
ALTAMIRA-PA

\_\_\_\_\_  
LETICIA SANTOS DE SOUZA

10/07/2025

<sup>3</sup> Trabalho de Conclusão de Curso em Graduação

<sup>4</sup> Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização

<sup>5</sup> Licença Creative Commons

\* Não será disponibilizado, somente após a data informada neste termo, se houver